

# Dobras (im)possíveis

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2016v34n68p9-10>

DAVINA MARQUES<sup>1</sup>

APRESENTAMOS, NESTA EDIÇÃO DA *LEITURA: TEORIA & PRÁTICA*, artigos que lidam filosoficamente com o tema da infância e o com o trabalho com leitura na Educação Infantil; discussões sobre a alfabetização e percurso de formação de estudantes de Pedagogia; um estudo com sequência didática para Ensino Superior; os possíveis caminhos e descaminhos da crítica literária na sala de aula; provocações sobre como pensar os clássicos, a educação quilombola, a questão dos gêneros e da sexualidade na escola. Trazemos também uma entrevista com o pesquisador Christophe Ronveaux e uma resenha que nos convida a pensar sobre a literatura digital. Assim, a nossa revista apresenta a dimensão incrível que seu escopo abrange, em dobras (im)possíveis de serem vislumbradas de antemão.

A Associação de Leitura do Brasil encerra mais um ano de trabalho com esta edição, ciente de seu compromisso com a promoção da leitura no nosso país, em múltiplas concepções. Além de termos feito da LTP um periódico quadrimestral em 2016, este foi ano de COLE, de mobilização de pesquisadores, professores e artistas dedicados ao ofício de ler, dar a ler e pensar o ato de ler.

Aproveito-me do mote do COLE para dar título a este editorial e explorar um pouco mais essa ideia de dobras e de (im)possíveis.

1. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Hortolândia, SP, Brasil.

Dobra é uma ideia que aparece nos livros de Gilles Deleuze, principalmente naqueles que escreveu sobre Michel Foucault e sobre Gottfried W. von Leibniz. Na definição do verbete “dobra” no *Deleuze Dictionary*, Simon O’Sullivan (2010) observa que Deleuze usa a dobra como uma forma de atuar, pois ele sempre cria e inventa seu pensamento a partir de dobras no pensamento artístico, científico e filosófico de outros.

O verbete também nos lembra que pensar em dobras tem a ver com o pensamento sobre a produção de subjetividades, humanas ou não. Podemos, por exemplo, segundo esse autor, pensar o “interior”, o íntimo, como uma dobra do exterior, como dobra daquilo que vem do fora. Assim, O’Sullivan discute a potência de uma dobra sobre nós, sobre o que pensamos “ser”, por isso há implicações éticas e políticas quando aceitamos a ideia de dobras. As dobras podem produzir embates, debates, e novas formas de lidarmos com os desafios que encontramos.

Leitura tem tudo a ver com essa discussão, e as palavras possível e impossível foram combinadas simultaneamente em (im)possíveis para abraçar as tantas dobras que nos atravessam. Nos temas que nos são caros – arte e educação – há dobras que são corpóreas, outras dizem respeito a relações de forças no campo social, outras têm a ver com o saber e com a criação das verdades... Menos no sentido de possível em um dicionário, como algo que tem condições de existir, como concebível, admissível, como algo ao nosso alcance, e mais como o *compossível* leibniziano, apresentamos a leitura, escopo de nosso periódico, como “[...] passível de coexistir de maneira integrada no mundo real como um conjunto de possibilidades concretas e realizadas, em contraste à justaposição de possibilidades imagináveis” (HOUAISS, 2009, n. p.).

Boas leituras!

#### REFERÊNCIAS

- HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.  
 O’SULLIVAN, S. Fold. In: PARR, A. *Deleuze Dictionary Revised Edition*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2010. p. 107-108.